

# PRODUTIVIDADE, A SOLUÇÃO PARA A RETOMADA

Há 45 anos que o ritmo de produção permanece estagnado no Brasil. Para reverter baixos índices de crescimento, o governo terá de ir além do prometido ajuste fiscal. Especialistas apontam que mexer em gargalos estruturais, como infraestrutura, burocracia e logística, deve ser prioridade para o País reconquistar a confiança dos investidores e alcançar um novo patamar no cenário econômico mundial. A produtividade pode ser a chave para o Brasil voltar a crescer, contudo, não há sinais de que isso vá ocorrer a curto prazo.

---

TEXTO **FABÍOLA PEREZ**



“Produtividade não é tudo, mas, a longo prazo, é quase tudo.” Cunhada em 1994, a frase do economista vencedor do Prêmio Nobel, Paul Krugman, foi utilizada à época para se referir aos desafios enfrentados pelos Estados Unidos em tempos de lento crescimento da produtividade, desde a crise do petróleo deflagrada na década de 1970. Embora Krugman fizesse referência à revolução tecnológica que ajudou a elevar a produtividade americana, aplicado ao cenário brasileiro o raciocínio explica por que agora uma guinada no ritmo de produção pode ser a chave para a retomada do crescimento econômico no País.

De acordo com a entidade americana The Conference Board, o Brasil ocupa a 81ª posição no ranking que mede o desempenho da produtividade em todo o mundo. A produtividade média do trabalhador brasileiro equivale a 18,7% do americano, o que significa dizer que demoramos cinco dias para produzir o mesmo que os americanos produzem em um dia. O fraco desempenho nacional, segundo o relatório, é reflexo da falta de investimento e da qualidade do ensino público.

A melhora no ritmo da produtividade, porém, não é um indicador a ser alcançado a curto prazo. Além do ambiente de negócios, a capacitação, a inovação e o uso de tecnologias foram elementos fundamentais para outros países conquistarem ganhos no ritmo de produção. Cingapura, Estados Unidos, China e Reino Unido estão entre as nações com ambientes mais propícios para negócios. Uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revelou que enquanto no Brasil a produtividade é de US\$ 17 mil por trabalhador ao ano, nos países mais produtivos essa relação chega a US\$ 70 mil por trabalhador/ano. Outro estudo realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que

o País cresceu muito menos do que 11 nações concorrentes entre 2002 e 2012. A taxa média de produtividade nacional cresceu 0,6% por ano no período analisado.

O que explicaria um índice tão baixo no País? Para o professor de Economia do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), Waldery Rodrigues Júnior, fatores da conjuntura macroeconômica impedem o crescimento da produtividade brasileira. “Funcionam como sintomas do mau desempenho econômico a inflação, a taxa de câmbio, a taxa de juros (com tendência de alta) e o crescimento dos salários, que superou em muito os ganhos de produção”, explica.

Na comparação com os demais emergentes, o Brasil ainda não cumpriu um objetivo fundamental: a reforma na educação. A revolução no ensino médio foi o grande trunfo da Coreia do Sul. No Brasil, a principal aposta do governo para melhorar a educação viria dos recursos obtidos pela exploração do pré-sal; mas, do montante inicial de R\$ 6,7 bilhões, previsto pelo Ministério da Educação, as receitas somaram, por enquanto, apenas R\$ 2,9 bilhões. Na Europa, por exemplo, o trabalhador cursa o ensino médio junto com o profissionalizante. Já os países asiáticos viveram primeiro a reforma na educação para depois passarem pelo processo de industrialização. “No Brasil, a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) foi exatamente nesse sentido, mas apenas essa iniciativa não dá conta de abastecer a indústria. Ainda temos um ensino muito generalista”, diz o gerente de pesquisa e competitividade da CNI, Renato da Fonseca.

As características do parque industrial brasileiro também ajudam a explicar a baixa produtividade no País. Nos Estados Unidos, a proporção é de uma empresa menos produtiva para três com bons ganhos na produção. “Em-

## PRODUTIVIDADE POR TRABALHADOR NO MUNDO

Argentina	US\$ 37.589
Chile	US\$ 35.864
Colômbia	US\$ 23.208
México	US\$ 35.579
Venezuela	US\$ 31.054
Peru	US\$ 24.054
Brasil	US\$ 19.764

Fonte: The Conference Board

presas pequenas que não recebem incentivos acabam prejudicando o restante da cadeia”, diz Rodrigues Júnior. “A indústria brasileira é completamente heterogênea. Temos empresas de primeiro mundo competindo com outras que têm baixo ritmo de produção”, afirma Fonseca. Na tentativa de incentivar o crescimento de empresas e de determinados setores econômicos, o governo passou a fazer uso de algumas políticas setoriais. O problema é que nem sempre elas se reverteram em benefícios para a economia. Alguns especialistas concordam que um dos pontos polêmicos dessas políticas é definir quais áreas têm prioridade para recebê-las. “Todos os países tiveram políticas setoriais. Elas não são necessárias, mas, para que funcionem, é preciso saber escolher e medir seus resultados”, acrescenta Fonseca.

Embraer, Embrapa e Petrobras são exemplos de políticas setoriais bem-sucedidas. “Essas políticas são indicadas para indústrias nascentes, com potencial de crescimento”, explica a economista da consultoria Tendências, Alessandra Ribeiro. “Impulsionar uma área que atrai investidores e possui competitividade por si só não é uma forma eficiente de conceder incentivo.” Para a economista, o equívoco das políticas de incentivo para determinados ramos na economia está no fato de o governo escolher o setor que vai receber o estímulo. Levar adiante a reforma tributária, criar políticas horizontais que beneficiem todos os setores e despolitizar as agências reguladoras, segundo ela, seriam caminhos para incentivar a produtividade. “Proteger uma indústria madura não faz sentido, afinal, quanto mais competição, melhor para o consumidor”, defende Alessandra.

Como saber se eventuais ganhos de produtividade aumentaram o crescimento do País nos anos subsequentes? Se alguns eco-

## AS DEZ ECONOMIAS MAIS PRODUTIVAS DO MUNDO E O BRASIL

- ▲ 1º Qatar
- ▲ 2º Estados Unidos
- ▲ 3º Luxemburgo
- ▲ 4º Emirados Árabes
- ▲ 5º Noruega
- ▲ 6º Cingapura
- ▲ 7º Irlanda
- ▲ 8º Bélgica
- ▲ 9º Hong Kong
- ▲ 10º Austrália
- ▼ 81º Brasil

Fonte: The Conference Board

nomistas defendem que competitividade gera produtividade automaticamente, outros questionam essa ideia. “É uma relação essencialmente ambígua”, afirma o professor de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRI), David Kupfer. “Competição em excesso também pode gerar desperdícios em consequência de excedentes de capacidade produtiva, exagerado *turnover* de empresas e ruptura de processos de aprendizado.” Prova de que produtividade e crescimento podem não andar juntos é que mesmo quando o Brasil apresentava um PIB acima de 3% ao ano, o ritmo de produção no País ainda era considerado baixo.

Recentemente, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, afirmou que o grande desafio nos próximos anos será a retomada do crescimento com o reequilíbrio macroeconômico. Ele também declarou que buscará implementar uma agenda de reformas microeconômicas a fim de melhorar os ambientes tributário e regulatório, impulsionar acordos comerciais e estimular exportações. O ministro defendeu ainda a adoção de um modelo de financiamento dos bancos públicos que viabilize um maior acesso a recursos para pequenas e médias empresas. Mas, por enquanto, o ambiente macroeconômico é pouco favorável ao crescimento e ao aumento da produtividade.

Segundo o estudo “Produtividade no Brasil – Desempenho e Determinantes”, do Ipea, a produtividade brasileira cresce a um ritmo baixo, lento e pouco sustentável desde o fim da década de 1970. Segundo a diretora de estudos e políticas setoriais da entidade, Fernanda de Negri, não há dúvidas de que a evolução do ritmo de produção no Brasil é um fator crucial para o crescimento econômico dos próximos anos. Nos anos 1970, houve



Foto: Rubens Chiri

“POLÍTICAS SETORIAIS SÃO INDICADAS PARA INDÚSTRIAS NASCENTES, COM POTENCIAL DE CRESCIMENTO”

**ALESSANDRA RIBEIRO, ECONOMISTA  
DA CONSULTORIA TENDÊNCIAS**

uma mudança de estrutura produtiva e, por isso, um ganho de produtividade. Hoje, há vários fatores que impedem um crescimento mais acelerado: escassez de mão de obra qualificada, desempenho ruim dos fornecedores e precariedade da infraestrutura de produção. As empresas brasileiras incorporam pouca tecnologia. “O processo de trabalho tem de ser aprimorado, as empresas precisam inves-

tir em treinamento e iniciar um processo de mudanças tecnológicas para melhorar a produtividade”, explica o pesquisador do Ipea, Luiz Dias Bahia.

A infraestrutura logística é outro entrave. Especialistas são unânimes em dizer que o acesso aos portos brasileiros é uma das maiores barreiras à competitividade dos produtos nacionais e ao escoamento da produção agropecuária. A indústria, um dos setores que mais movimentam a economia e que mais geram empregos no País, é também uma das atividades que mais sofrem prejuízos, com baixos ganhos de produtividade. Em razão disso, alguns responsáveis pela política econômica reafirmam a necessidade de políticas de proteção à indústria nacional para defender o mercado interno da invasão de produtos importados. “Nossos produtos são caros porque a nossa indústria exporta tributos e custos de transporte”, diz Fonseca. A alternativa passa pela criação de condições para que a indústria aumente sua produtividade, com medidas como isenções de impostos e tarifas, e consiga reverter o padrão dos últimos anos. “Não há dúvidas de que existe uma dificuldade de competição com produtos internacionais; a proteção pode até ser útil se, ao mesmo tempo, ocorrer uma reestruturação de ganhos de produtividade”, diz Bahia.

Para a economista da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Juliana Serapio, um dos caminhos para reverter esse cenário seria a parceria com a iniciativa privada. “Para estimular de maneira eficiente a renovação tecnológica nacional, o governo deveria estabelecer uma agenda mais clara para atrair investimentos do setor privado”, afirma. “Os ajustes que o governo prevê são uma alternativa para a melhora tributária, já que os impostos atuais são incompatíveis com a re-

“TODOS OS PAÍSES TIVERAM  
POLÍTICAS SETORIAIS. ELAS  
NÃO NECESSÁRIAS, MAS,  
PARA QUE FUNCIONEM, É  
PRECISO SABER ESCOLHER E  
MEDIR SEUS RESULTADOS”

**RENATO DA FONSECA,**  
GERENTE DE PESQUISA E  
COMPETITIVIDADE DA CNI



Foto: Miguel Angelo

tomada da indústria.” O percurso, no entanto, para se igualar a outras economias emergentes ainda é longo. Apenas 20% do crescimento do Brasil ocorre em função da produtividade, enquanto em países como Coreia do Sul, China e Taiwan, a produtividade da indústria colabora com cerca de 80% para o crescimento do PIB. “No Brasil, esse crescimento é baseado em recursos naturais, enquanto nos asiáticos, é a indústria que impulsiona o desenvolvimento”, diz a economista.

Apesar de os ministros da Fazenda e do Desenvolvimento terem anunciado ajuste fiscal e parcerias com a iniciativa privada, é necessário mexer em gargalos estruturais. “Melhorar a qualidade da mão de obra e simplificar a selva burocrática no País vão ajudar a diminuir um pouco a discrepância em relação às economias mundiais”, diz Rodrigues Júnior. Para ele, o Brasil não aproveitou o momento em que poderia ter dado um grande salto. Agora, é hora de ajustar a economia e terminar a lição de casa. [8]